



DOI: <https://doi.org/10.26694/cadpetfilo.v15i30.6326>

HEIDEGGER: DASEIN E O SER-PARA-A-MORTE

Heidegger: Dasein and being-towards-death

Francisco Vinicius Holanda de Oliveira¹
Francisco Gomes de Matos²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo expor a visão do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) sobre a morte, bem como explorar o conceito de "Dasein" em sua obra *Ser e Tempo* (1927). Heidegger apresenta o Dasein como um ser que se projeta para o futuro, sendo a morte um desses futuros. O desenvolvimento do artigo ocorre da seguinte maneira: uma breve explanação sobre a busca do ser e o que ele representa como Dasein, ou "ser-aí", entendido como um ser no tempo e como presença. Além disso, aborda-se a analítica da existência, destacando a existência inautêntica do Dasein, a angústia como característica deste ser e a busca por uma existência autêntica. Discute-se, ainda, como o Dasein se relaciona com os outros, com o mundo e, principalmente, com a morte, analisando os diferentes modos como Heidegger conceitua a morte em *Ser e Tempo*.

Palavras-chave: Dasein. Pre-sença. Angústia. Ser-para-a-morte.

ABSTRACT

The aim of this article is to present the perspective of German philosopher Martin Heidegger (1889–1976) on death, as well as to explore the concept of *Dasein* in his work *Being and Time* (1927). Heidegger introduces *Dasein* as a being that projects itself toward the future, with death being one of these futures. The article develops as follows: it begins with a brief explanation of the search for being and what it represents as *Dasein*, or "there-being," understood as a being in time and as presence. Additionally, it addresses the analytic of existence, emphasizing the inauthentic existence of *Dasein*, the anxiety characteristic of this being, and the pursuit of authentic existence. Furthermore, the article discusses how *Dasein* relates to others, the world, and, above all, death, analyzing the different ways Heidegger conceptualizes death in *Being and Time*.

Keywords: Dasein. Presence. Anxiety. Being-towards-death.

¹ Graduando em filosofia pela UFPI e bolsista do PET Filosofia UFPI. E-mail: viniciusholanda2002@ufpi.edu.br

² Graduando em filosofia pela UFPI e bolsista do PET Filosofia UFPI. E-mail: franciscogtm22@gmail.com

INTRODUÇÃO

Sempre se buscou o entendimento ou a razão das coisas, a explicação do existir, da mudança e da permanência das coisas; em outras palavras, sempre se buscou uma explicação do Ser, como diz Jardim: “Desde o início do tratado, Heidegger afirma a necessidade da retomada de uma questão filosófica muito antiga: a questão pelo ser” (Jardim, p. 18). Na Grécia Antiga, dois filósofos se destacaram nessa busca: Parmênides de Eleia e Heráclito de Éfeso. Parmênides dizia que o ser é imutável, que ele, o ser, era aquilo que permanece, e que também o ser era discurso ou o logos (conhecimento), visto que, para os gregos, toda e qualquer forma de movimento era um absurdo, seja um movimento mecânico ou existencial. Heráclito, por outro lado, dizia que o ser era o movimento, a mudança; ele afirmava que tudo sempre mudava e, portanto, a verdade ou essência era a mudança.

Após esses dois filósofos colocarem em evidência suas filosofias, iniciou-se uma aporia sobre a realidade: afinal, a essência do ser era movimento ou permanência? Para resolver esse questionamento, filósofos posteriores desenvolveram raciocínios diversos, tentando chegar a uma solução. Contudo, segundo o filósofo Martin Heidegger, após Platão, confundiu-se ser e ente, o que perdurou até Nietzsche.

Para Heidegger, houve uma confusão entre o ôntico e o ontológico. Ele argumenta que a busca para entender o ser deve partir de um ente que se pergunta sobre a realidade, ou seja, deve-se partir do ôntico para o ontológico. Heidegger, em sua obra *Ser e Tempo*, busca fazer essa distinção e retomar aquilo que os gregos começaram tão bem, mas que se perdeu ao longo do caminho. Ele inicia essa busca por um ente, o único ente que já possui em si o ser. Heidegger percorre a existência humana em busca do ser do ente e coloca o "ser-aí" em três perspectivas, sendo elas: ser-no-mundo, ser-com-o-outro e ser-para-a-morte. Estes são os três existenciais de Heidegger.

O DASEIN (SER-AÍ)

Heidegger aborda a questão do ser de modo fenomenológico, isto é, considerando como os objetos se apresentam imediatamente à consciência. A busca pelo ser de modo



fenomenológico torna-se uma ontologia, que deve ser realizada em uma *epoché* (suspensão de juízo). Na busca pelo ser, Heidegger introduz como ponto de partida o único ente que se questiona sobre a própria existência: o próprio homem. Mas, o que significa o ser-aí? No próprio problema fundamental de *Ser e Tempo*, é possível entender que a questão norteadora era compreender onde surge o ser e como ele se faz manifesto, como ele se apresenta mediante o seu meio. O ente é tudo aquilo que se concretiza, é tudo aquilo que é, é aquilo que se formou como é e não poderia ser diferente. Sendo assim, deve o ente direcionar as questões para ele mesmo, sendo ele o responsável por questionar, entender e responder às questões que fazem parte da sua existência. Ou seja, o ser do ente é tudo aquilo que caracteriza e significa o ente. Importante entender que o ser não constitui o ente, mas faz parte daquilo que ele é. Como diz Jardim:

Mas qual ente deve ser questionado? Não basta perguntar pelo ser a um ente simplesmente dado, deste modo teríamos acesso apenas ao ser deste ente específico. O ente *escolhido* para ser questionado deve ser um ente *privilegiado*, isto é, um ente em que, ao ser compreendido, nos permite ter acesso às condições de possibilidade de compreensão de ser. (Jardim, 2009, p. 21)

Heidegger identifica o ser-aí (*Dasein*) como o único ente capaz de compreender e se relacionar com o próprio ser, caracterizando-o pelo modo de ser humano e pela responsabilidade de assumir sua existência. O ser-aí não possui uma essência fixa; em vez disso, se constitui a cada instante por meio de sua existência, aberta ao futuro e às possibilidades. A analítica do ser-aí busca investigar as condições de possibilidade desse ente compreender seu próprio ser, revelando que suas estruturas essenciais, denominadas existenciais, determinam ontologicamente seu modo de ser no mundo. Na analítica, a estrutura do cuidado (*Sorge*) emerge como o ser do ser-aí, sendo a temporalidade o horizonte mais originário para a compreensão do ser. A temporalidade, enquanto estrutura fundamental, é a condição de possibilidade para a compreensão do ser e baseia o projeto de uma ontologia fundamental. Heidegger argumenta que a analítica do ser-aí fornece o ponto de partida para todas as ontologias regionais, fundamentando-as em uma compreensão mais ampla e originária do ser.

Essa busca deve começar de dentro para fora, questionando sobre si mesmo. Para Heidegger, a chave para entender o ser passa pelo homem. Assim, o filósofo deve partir da existência humana para alcançar o ser. O ser humano, como ente que possui a capacidade

de questionar, ocupa o centro desse questionamento:

Elaborar a questão do ser significa, portanto, tornar transparente um ente que questiona em seu ser. Como modo de ser de um ente, o questionamento dessa questão se acha essencialmente determinado pelo que nela se questiona pelo ser. Esse ente que cada um de nós somos e que, entre outras, possui em seu ser a possibilidade de questionar, nós o designamos com o termo pre-sença. A colocação explícita e transparente da questão sobre o sentido do ser requer uma explicação prévia e adequada de um ente (presença) no tocante a seu ser." (Heidegger, 2005, p. 33).

Heidegger denomina o ser humano como *Dasein* (ser-aí), uma existência própria no mundo, que se relaciona com o mundo e com os outros. Trata-se de uma consciência que, segundo o filósofo, é capaz de se questionar sobre a existência e, assim, desvelar sua própria existência. O *Dasein* tem a responsabilidade de assumir seu próprio ser, uma vez que, na analítica existencial, a primeira questão apresentada ao *Dasein* é sua própria existência. O *Dasein* é um ente que possui o ser em si e, por isso, Heidegger o coloca como ponto de partida primordial. Ele posiciona o próprio *Dasein* como explorador e guia dessa busca. Por isso, Heidegger entende o ser-aí como algo que vai muito além de um indivíduo ou uma entidade metafísica, pois o ser coincidente de si mesmo no que diz respeito às suas questões existenciais não pode simplesmente se esquivar das questões que são inerentes ao termo. Tudo isso se traduz como uma forma de estar aberto às causas e questões que o mundo (esfera ontológica) apresenta. De maneira contrária aos outros seres, o *Dasein* compreende e entende a temporalidade e a finitude, que são análogas e possibilitam uma projeção para o futuro, entendendo a sua finitude e suas possibilidades.

ANALÍTICA DO DASEIN

A característica do *Dasein* é questionar a si mesmo. A partir desse questionamento, o ser do ente do *Dasein* está sempre em jogo. A tarefa do ser do ente é ser sempre ele mesmo. Segundo Heidegger, dessa característica resultam duas dimensões distintas: essência e ser. A essência consiste em "ter que ser". A escolha do termo "essência", no entanto, não possui, nem pode possuir, um caráter ontológico, significando apenas "o que está aí". A essência do *Dasein* consiste na própria existência. Sua característica fundamental é a possibilidade de "poder-ser". O ser, todas as propriedades extraídas desse ser não o definem ou



qualificam; o Dasein é sempre entendido como ente, como possibilidade de poder-ser. O ser desse ente é sempre “meu”, é sempre possibilidade. Heidegger (2013) afirma que: "a interpelação do Dasein deve dizer sempre também o pronome pessoal, devido ao seu caráter de ser sempre minha: ‘eu sou, tu és’". Nesse sentido, o Dasein não pode ser definido ontologicamente ou caracterizado de maneira coletiva. Ele deve ser entendido de forma individual e só pode ser descrito individualmente.

O DASEIN NA VIDA INAUTÊNTICA

Heidegger afirma que "a pre-sença sempre se compreende a si mesma a partir de sua existência, de uma possibilidade própria de ser ou não ser ela mesma" (HEIDEGGER, 2013, p. 48). Contudo, como *ser-com-o-outro*, a pre-sença acaba sendo condicionada a viver de maneira inautêntica. Para Heidegger, a existência humana é apresentada como uma fatalidade, ou seja, uma realidade em que o ser humano é lançado ao mundo sem consentimento, sem sequer ser perguntado. Assim, ele precisa lidar com essa condição, convivendo no mundo em uma tentativa constante de autoafirmação.

O autor destaca três dimensões da vida humana que, para a maioria dos indivíduos, resultam em uma existência inautêntica:

1. **Fato da facticidade:** O ser humano é lançado no mundo sem ter ciência do porquê e, ao despertar sua consciência, já está nele, ou seja, "**já está aí**". Mesmo sem ter pedido para nascer, encontra-se inserido nesse mundo, fazendo parte dele, queira ou não.
2. **Fato da existencialidade ou transcendência:** Em Heidegger, a existencialidade é entendida como a existência interior e pessoal, sendo uma antecipação de si mesmo. O ser humano estabelece relações com o mundo e suas estruturas, com o ambiente e a sociedade onde está inserido. Para existir, projeta-se em suas possibilidades, buscando realizar aquilo que ainda não é. Ele está sempre em busca de algo além de si mesmo, projetando-se no mundo, no qual ainda não se concretizou plenamente.
3. **Ruína:** Na analítica da existência humana, a ruína representa um desvio do projeto autêntico de existência. Trata-se de uma mudança em seus objetivos, onde o ser reduz-se ao outro, entregando-se para agradar ou evitar conflitos. Esse desvio leva

o ser humano a moldar sua existência para *ser-no-mundo* conforme as expectativas externas, abandonando seu projeto de ser autêntico.

O IMPESSOAL

O ser humano, ou *Dasein*, é lançado no mundo e, inevitavelmente, precisa estabelecer relações e conviver com outros seres, denominados intra-mundanos. Ele é um ser imerso nesse contexto existencial, na vivência do mundo. Esse conceito é ontológico, fundamental para o *ser-aí*, e inseparável de sua existência. As coisas existentes no mundo apresentam-se como categorias relacionadas ao sujeito ou *ser-aí*. O *Dasein* confere sentido às coisas do mundo. Ele não apenas está no mundo, mas também é mundo, constituindo-o como uma extensão de si mesmo à medida que dá sentido às coisas que o cercam.

O ser humano, ao viver no mundo, deve também conviver com outros seres. No entanto, ele é compreendido a partir da tradição e dos modos de ser dessa convivência, o que muitas vezes lhe retira a experiência de ser ele mesmo, como diz Jardim:” Para Heidegger, a questão do *conhecer* não é o mesmo que o *problema do conhecimento* da tradição filosófica. Para a tradição, o problema do conhecimento consiste na possibilidade de um *sujeito*, que *sairia* de uma esfera interior encapsulada, para, de algum modo, apreender um *objeto* externo a ele[...]”(JARDIM, 2009, P.26). Dessa forma, o indivíduo se torna o impessoal, permitindo que sua pré-sença se esqueça de si mesma e se preocupe excessivamente com a opinião alheia. Essa condição leva à anulação do sujeito, que adota costumes e comportamentos que não lhe são próprios, assimilando-os como se fossem.

Contudo, a consciência do *Dasein* faz um clamor de si mesma, uma tentativa de sair dessa impessoalidade. Esse clamor, embora não represente diretamente um retorno à vida interior, busca apenas reafirmar o *ser-no-mundo* de maneira autêntica. A consciência tenta romper com a massa impessoal do mundo e retomar sua autenticidade. Esse clamor, para ser eficaz, deve ser original, não necessitando de verbalização ou conteúdo explícito, mas apenas de sua genuinidade.



A MODIFICAÇÃO EXISTENCIAL, SUAS POSSIBILIDADES E CRITÉRIOS

Ao se deixar levar pelo impessoal, a pré-sença se posiciona na imediatividade do mundo e, conseqüentemente, na facticidade, marcada por tarefas, compromissos, normas e deveres. Essas possibilidades são impostas pelo impessoal e deixam marcas profundas na pré-sença. Mesmo que o sujeito, eventualmente, desista ou se abstenha de fazer escolhas, essas possibilidades continuam fazendo parte dele, deixando-o indeterminado enquanto alguém que não escolheu. Essa abstenção resulta na impropriedade, onde a pré-sença não se assume como sujeito autêntico.

Contudo, essa situação pode ser revertida somente pelo próprio sujeito, que precisa fazer escolhas autênticas para libertar-se da impessoalidade. Ao tomar posse dessas escolhas, ele retorna à propriedade pessoal, reafirmando sua autenticidade. A pré-sença pode se encontrar perdida, mas precisa mostrar-se a si mesma como uma possibilidade real de ser autêntica. Esse processo exige que ela se projete para o futuro, enxergando-se em suas possibilidades e assumindo-as. O *ser-aí*, por sua própria natureza, caracteriza-se pelo projetar-se, pelo ato de vislumbrar possibilidades futuras e moldar sua existência de acordo com elas.

"O QUEM" DA PRÉ-SENÇA

O objetivo da busca da pré-sença é alcançar o poder de ser si mesmo, testemunhado por uma possibilidade de existência autêntica. Antes de qualquer coisa, é necessário encontrar-se, efetivar a própria existência. Esse testemunho, ao se deixar conhecer, deve ter raízes no ser da pré-sença; quando isso ocorre, o objetivo é finalmente alcançado. Esse testemunho ou prova constitui um dos modos de ser-si-mesmo em um sentido próprio. O ser da pré-sença é concebido formalmente como um modo de existir, e não como algo simplesmente dado. No entanto, é interessante observar que, na maioria das vezes, o "quem" da pré-sença não é o próprio "eu", mas o impessoal, que precisa ser delimitado. Em outras palavras, é "eu mesmo e todos em mim".

A busca pelo "quem" da pré-sença é um trabalho realizado pela própria consciência,

envolvendo questões de divisão e decisão. Ela deve decidir: romper com o mundo para ser mais ela mesma, ou eliminar-se como individualidade para agradar aos outros. Essa busca pelo "quem" da pré-sença é, na essência, uma busca por autenticidade. A decisão (*de-cisão*) permite que a pré-sença assume sua propriedade e independência. Por meio dessa decisão, sua existência originária é revelada, permitindo-lhe se desentranhar do impessoal e, assim, encontrar cura para sua inautenticidade.

A ANGÚSTIA E O MEDO

O ser humano, enquanto ente intramundano, está inserido no mundo como um ser-no-mundo. Ele também é um ser-com-o-outro, sendo capaz de se colocar como presença ou como impessoal. Além disso, é capaz de projetar-se para o futuro, clamando por si mesmo. Entretanto, ele é continuamente invadido por incertezas e pela constante luta para afirmar-se como ser e existência no mundo. Para Kierkegaard, assim como em Heidegger, essa condição é denominada angústia. Heidegger define a angústia como a incerteza diante dos objetos do mundo.

Segundo Heidegger, a angústia é a característica principal de uma existência originária e da totalidade do Dasein. Ela possibilita uma disposição e uma compreensão fenomenológico-hermenêutica do ser em sua totalidade, colocando o Dasein em uma posição única de autocompreensão para alcançar sua autenticidade. A angústia, para Heidegger, é ontológica. Assim como em Kierkegaard, é um existencial próprio do ser humano. Para Kierkegaard, a angústia resulta da tensão entre a finitude humana e a infinitude divina, partindo de uma questão fundamental que seria: é possível que o sujeito não complete a sua síntese e, com isso, não se torne ele mesmo? Kierkegaard levanta uma questão um pouco leviana se analisada de forma superficial, mas que toma uma proporção maior quando analisada de forma mais pragmática. Tudo isso se dá pelo fato de o ser, segundo Kierkegaard, ser uma dualidade entre o finito e o infinito, o temporal e o eterno, a liberdade e possivelmente uma necessidade, tendo essas duas vertentes um papel crucial na formação do sujeito.

A *angst* surge da má formação dessas ligações, que, se constituídas e ligadas da maneira correta, podem gerar o ser. Porém, essa tarefa se torna algo impossível para aquele



que se entende como um ser finito que possui uma cronologia e uma historicidade. Como síntese de elementos polares, o sujeito pode sempre se tornar algo diferente do que ele é, pois as possibilidades e os riscos andam juntos, de mãos dadas durante toda a facticidade da vida de cada sujeito pensante. Diariamente, a síntese se apresenta de uma nova maneira, oferecendo novas possibilidades, novos desafios. É nesse recorte que o conceito de angústia toma de fato uma tonalidade de relevância na arquitetura humana. Como diz Vigilius Haufniensis:

Ao usarmos a expressão “angústia objetiva”, poderíamos inicialmente ser levados a pensar naquela angústia da inocência que é a reflexão da liberdade em si mesma e em sua possibilidade. Por outro lado, querer objetar que não se percebe que nós agora nos encontramos num ponto diferente de nossa investigação não seria uma resposta suficiente. Ao contrário, poderia ser mais útil lembrar que a distinção angústia objetiva reside na diferenciação frente à angústia subjetiva, uma distinção de que nem se poderia falar no tocante ao estado de inocência de Adão. No sentido mais estrito, a angústia subjetiva é a angústia posta no indivíduo[137], que é a consequência do seu pecado.(Kierkegaard, 2010, p.72)

Nos momentos em que as situações chegam à esteira da nossa vida, decisões devem ser tomadas, pois, em linhas bem abertas, essas possibilidades e incertezas são aquele elo que pode gerar e promover uma reviravolta em uma determinada situação. Torna-se diferente daquilo que é agora, apresentando toda a dificuldade à qual a metafísica tem se esquivado durante toda a filosofia. Existencialmente falando, o que angustia é o “se”, são as possibilidades, que carregam consigo uma síntese mal efetivada, tendo o si-mesmo como o produto final de tudo isso. Para Kierkegaard, nascer humanos não nos torna humanizados, no sentido mais filosófico que o termo pode ser. Todo sujeito nasce com essa capacidade de efetivar a síntese, mas é como se essa capacidade tivesse de ser desbloqueada ou, nas palavras de Haufniensis, “sonhando enquanto potência”.

Angústia pode-se comparar com vertigem. Aquele, cujos olhos se debruçam a mirar uma profundidade escancarada, sente tontura. Mas qual é a razão? Está tanto no olho quanto no abismo. Não tivesse ele encarado a fundura!... Deste modo, a angústia é a vertigem da liberdade, que surge quando o espírito quer estabelecer a síntese, e a liberdade olha para baixo, para sua própria possibilidade, e então agarra a finitude para nela firmar-se. (Kierkegaard, 2010, p.76)

É nesse processo de encarar a vertigem, o abismo e as possibilidades que o ser pode

se efetivar e se tornar ele mesmo, tornando alguém um indivíduo. Assim, é mais que possível entender a angústia kierkegaardiana como uma possibilidade que possui um objeto definido, mas que, ao mesmo tempo, não possui, pois tal dialética surge a partir da coragem de se lançar no mundo e perceber que tais obstáculos são necessários para a formação do Dasein, tomando os termos heideggerianos como arcabouço. Eis a grande diferença entre medo e angústia, pois o medo possui um objeto definido; assim que aquele instante e o objeto somem, a vertigem some com ele. Por isso, como diz Jonas Roos: “[...] a angústia caracteriza a ambiguidade de buscar a possibilidade e, ao mesmo tempo, fugir dela.” (Roos, 2021, p. 49).

Já Heidegger considera a angústia como essência da finitude humana. A angústia, para Heidegger, é a chave para a questão da autenticidade, pois liberta o ser humano do medo da rejeição e de outras características inautênticas da vida no mundo. O medo, por sua vez, é visto como uma possibilidade de libertação, sendo um temor pelo futuro e pela antecipação da inexistência. Ele transforma o Dasein em uma possibilidade de ser ele mesmo, abandonando o comodismo de ser apenas parte da massa impessoal e se tornando a presença autêntica que ele deseja ser.

A diferença entre angústia e medo reside na indeterminação da primeira e na especificidade do segundo. Segundo Heidegger, a angústia é indeterminada e possibilita o medo:

“O por quê a angústia se angustia não é um modo determinado de ser e uma possibilidade do ser-aí. A ameaça é ela mesma indeterminada, não chegando, portanto, a penetrar como ameaça neste ou naquele poder-ser concreto e de fato. A angústia se angustia pelo próprio ser-no-mundo (...). o mundo não é mais capaz de oferecer alguma coisa nem sequer a co-presença dos outros. A angústia retira, pois, do ser-aí a possibilidade de, na decadência, compreender a si mesmo a partir do mundo e na interpretação pública.” (Heidegger, 1986, §40, p. 187).

A angústia emerge como uma experiência singular, destacando o Dasein de sua rotina e expondo-o à sua condição mais genuína. Ao contrário do medo, que se relaciona a ameaças específicas, a angústia não aponta para algo definido, mas revela o próprio ser como um ente lançado no mundo, confrontando-o com a incerteza de sua existência. Esse



estado coloca o Dasein diante da possibilidade de romper com padrões superficiais, permitindo que ele se perceba em sua singularidade e autenticidade. Assim, a angústia opera como uma força que desvenda os limites da vida cotidiana, impulsionando o indivíduo a questionar-se e a buscar um sentido mais profundo para o seu ser. Como diz Bernardo: “A angústia, em oposição, não se manifesta ou retém por coisa que seja particularmente determinada. A angústia é para Heidegger um humor privilegiado ante os demais, pois, além de raro, ainda permite que sejamos dispostos para ‘além’ de qualquer complexo de relações com entes ‘dentro’ do mundo.” (Bernardo, 2018, p. 77).

Dessa maneira, a angústia, no pensamento de Heidegger, distingue-se por sua indeterminação, ao não se fixar em um ente ou objeto específico no mundo. Como um *Grundstimmung* (humor fundamental), ela revela a condição ontológica do ser-no-mundo. A angústia é um afeto privilegiado porque desvenda a totalidade do ser, deslocando o Dasein para além das relações cotidianas com entes intramundanos. Antes mesmo da articulação discursiva, a angústia expõe o Dasein à sua abertura existencial e ao horizonte de possibilidades que caracteriza sua essência como um poder-ser.

A MORTE PARA O DASEIN

Em *Ser e Tempo*, Heidegger apresenta a morte como um aspecto central da existência humana, destacando-a como uma experiência que define a totalidade do *Dasein*. Ele enfatiza que a totalidade da *pre-sença* (existência humana) não pode ser completamente apreendida enquanto o ser ainda está no mundo, uma vez que o *poder-ser* é uma estrutura essencial da *pre-sença*. Se a totalidade fosse alcançada enquanto o *Dasein* ainda vive, ele perderia sua característica fundamental: a possibilidade de ser.

A Morte como Caráter Ontológico-Existencial

Heidegger não aborda a morte como um evento puramente biológico, mas como uma dimensão ontológica e existencial do *Dasein*. A morte, ou o *ser-para-a-morte*, é considerada parte integral da existência humana, sendo uma das formas mais profundas de projeção do *Dasein* para o futuro. Segundo Heidegger, a morte não é simplesmente o fim da vida, mas a perda da possibilidade de ser.

Experiência da Morte e Autenticidade

A transição para a morte impede a experiência direta do próprio processo, mas a percepção da morte alheia possibilita reflexões sobre a finitude e autenticidade do *Dasein*. Quando nos confrontamos com a morte de outro, não vivenciamos sua totalidade, mas testemunhamos sua presença em relação a nós, mesmo após seu *ser-no-mundo* ter cessado. Essa confrontação cria oportunidades para o *Dasein* refletir sobre si mesmo e se reconhecer, aproximando-se de uma vida mais autêntica.

Três Teses Sobre a Morte

Heidegger delinea três pontos essenciais sobre a relação do *Dasein* com a morte:

1. **Enquanto a *pre-sença* existe, há sempre algo que ela ainda não é**, indicando um futuro inacabado e cheio de possibilidades.
2. **O fim do ente está cada vez mais próximo da impossibilidade de continuar a ser**, o que sublinha o caráter transitório e finito da vida.
3. **O chegar-ao-fim do *Dasein* é uma experiência única e insubstituível**, marcada por sua singularidade existencial.

Esses pontos sublinham que a morte é uma possibilidade constante e inseparável da vida, moldando as decisões e reflexões do *Dasein*.

A Morte como Incerteza e Condição Humana

O caráter mortal do ser humano traz consigo uma angústia fundamental. Cada instante carrega a possibilidade de ser o último, o que faz da morte uma condição inerente à existência. A incerteza sobre quando e como ocorrerá a morte amplifica a angústia, mas também serve como catalisador para uma vida mais autêntica. O *Dasein* precisa se reconciliar com essa finitude para alcançar uma compreensão mais profunda de si mesmo e de seu papel no mundo.



A Morte e o Não-Ser

A morte não se resume ao desaparecimento físico ou ao término da existência. Para Heidegger, o fim do *Dasein* representa a transição para o *não-ser*, que não deve ser entendido como um vazio, mas como um estado que transcende a compreensão mundana. Essa dimensão ontológica desafia o *Dasein* a confrontar sua finitude e integrar sua mortalidade como parte essencial do seu *ser*.

Em suma, para Heidegger, a morte é uma possibilidade única que define a totalidade do *Dasein* e lhe permite, paradoxalmente, acessar a autenticidade de sua existência enquanto ainda vive.

CONCLUSÃO

A análise heideggeriana da morte revela sua importância como estrutura ontológica fundamental para o entendimento da existência humana. Para Heidegger, a morte não é apenas um evento biológico que marca o fim da vida, mas uma possibilidade existencial que molda o modo como o *Dasein* vive no mundo. Esse deslocamento da compreensão da morte, de uma perspectiva biológica para uma existencial, destaca seu papel como horizonte último, conferindo significado à existência. A relação entre morte, angústia e autenticidade é central na filosofia de Heidegger. A angústia, diferentemente do medo, não se relaciona a objetos ou situações específicas, mas reflete a experiência indeterminada da própria finitude. Ela confronta o *Dasein* com a fragilidade de seu ser e o convida a assumir sua singularidade. Nesse sentido, a angústia é um portal para a autenticidade, permitindo ao indivíduo abandonar a vida inautêntica e as imposições do *impessoal* para viver de maneira genuína.

Heidegger ressalta que a morte é única para cada indivíduo e, portanto, insubstituível. Essa singularidade sublinha a independência do *Dasein* e a responsabilidade por suas escolhas e ações. A consciência dessa condição, que ele denomina *ser-para-a-morte*, exige que o indivíduo confronte sua finitude, reconheça a impossibilidade de evitá-la e, assim, assuma sua liberdade. Ao tomar posse de seu destino, o *Dasein* pode transcender as pressões sociais e culturais que frequentemente o levam a uma vida de conformidade e superficialidade. A morte também desempenha um papel significativo nas relações

humanas. Ao vivenciar a morte de outra pessoa, o *Dasein* é confrontado indiretamente com sua própria finitude. Embora a experiência da morte do outro nunca seja equivalente à vivência de sua própria morte, ela oferece uma oportunidade de reflexão sobre o *ser-no-mundo* e a conexão entre indivíduos. Essa perspectiva filosófica levanta questões importantes sobre a vida cotidiana. Em uma sociedade onde a morte é frequentemente evitada como tema de discussão, Heidegger nos convida a reconsiderar sua relevância. Ele sugere que a consciência da morte pode ser transformadora, ajudando os indivíduos a enfrentar crises existenciais e a viver com mais propósito. Ao nos libertarmos das expectativas do *impessoal*, podemos reavaliar nossos valores, escolhas e prioridades, buscando uma existência mais autêntica.

No entanto, é importante reconhecer os limites dessa experiência. A morte, sendo o fim da existência, permanece inacessível ao *Dasein* enquanto ele vive. Isso torna impossível compreender plenamente o que significa morrer, mas não reduz a importância de refletir sobre a finitude. Essa reflexão, ao contrário, amplia a capacidade do *Dasein* de se engajar em um projeto de vida autêntico. Em última análise, o confronto com a morte não deve ser visto como um obstáculo, mas como uma oportunidade de transcendência e autodescoberta. A morte, na perspectiva heideggeriana, não é apenas um término, mas uma possibilidade de transformação. Ao reconhecê-la como parte essencial da existência, o *Dasein* é convidado a viver plenamente, assumindo sua liberdade e projetando-se para além das limitações impostas pelo *impessoal*. Dessa forma, a morte não apenas delimita a vida, mas também oferece a chance de redescobrir o que significa ser.

A reflexão sobre o *Dasein* a partir da perspectiva ontológico-existencial de Heidegger revela que a compreensão do ser humano exige uma abordagem que transcenda a mera descrição biológica ou factual. O *Dasein*, enquanto ente privilegiado, é o meio pelo qual a essência do Ser pode ser acessada. A existência humana, ou pré-sença, carrega em si um clamor fundamental por autenticidade, uma busca incessante por ser-si-mesmo. No entanto, a convivência com outros seres e as imposições do mundo frequentemente dificultam ou mesmo impedem essa realização plena.

A angústia emerge como um impulso transformador, capaz de mobilizar o *Dasein*



para retomar sua busca pela autenticidade, mesmo diante da consciência de que ele nunca estará completamente livre das relações com os objetos intramundanos. A luta pela autenticidade é, portanto, contínua e inevitável, mesmo que nunca alcance uma realização absoluta. O medo da morte e sua certeza inevitável desempenham um papel crucial nesse processo, ao instigar uma reflexão sobre a finitude e a urgência de viver de forma genuína.

A morte, como possibilidade última do ser, é entendida por Heidegger não apenas como um evento final, mas como uma oportunidade para que o *Dasein* se reconecte consigo mesmo. Reconhecer a morte como uma realidade existencial – ser-para-a-morte – permite que o indivíduo se liberte das amarras da inautenticidade e retome o caminho para ser-si-mesmo. Assim, a morte não é apenas um fim, mas também uma chance de cura e transformação, conferindo significado e propósito à existência humana.

REFERÊNCIAS

- BERNARDO, Gabriel. **Existência e angústia no pensamento de Martin Heidegger**. Dissertação de Mestrado em Filosofia. Universidade Federal da Paraíba - UFPB: João Pessoa, 2018.
- GALEFFI, Dante Augusto. O que é isto—A fenomenologia de Husserl. **Ideação**, v. 5, p. 13-36, 2000.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia Sá Cavalcante. 10ª edição. Editora vozes, 2005.
- HEIDEGGER, M. **O conceito de tempo**. Cadernos de tradução. São Paulo: Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo.
- JARDIM, Luís. **Um estudo sobre as afinações a partir da ontologia fundamental de Martin Heidegger: contribuições para as práticas clínicas**. Mestrado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica- PUC-SP. São Paulo, 2009.
- KIERKEGAARD, Soren. **O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionado ao problema dogmático do pecado hereditário**. Tradutor: Álvaro Luiz Monteiro Valls. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- ROOS, Jonas. **10 lições sobre Kierkegaard**. Petrópolis, RJ. Editora: Vozes, 2024.



WEBBER, Marcos André; WEBBER, Suelen da Silva. Entre Kierkegaard e Heidegger: uma reflexão sobre o sentido da angústia. **Griot: Revista de Filosofia**, Amargosa – BA, v.18, n.2, p.100-113, dezembro, 2018.